

Seção 1  
História, práticas culturais, didática  
da história e utopia



## Práticas culturais em Catalão e região por meio das crônicas de Ricardo Paranhos

Valdeci Rezende Borges<sup>1</sup>

Cleber Jacinto Dias<sup>2</sup>

**Resumo:** Objetiva-se refletir, neste texto, sobre algumas práticas culturais catalanas recorrendo às crônicas de Ricardo Paranhos (1866-1940) como suporte documental e como lugar de memórias. Por meio de suas representações abordamos alguns aspectos constituintes da cultura do município de Catalão e região visando perceber como eram praticados e que sentido ou significado a eles foram atribuídos pela coletividade na qual inseriam e pelo autor. A pesquisa insere-se no âmbito da História Cultural e tem como método o rastreamento de temas inerentes ao campo da cultura, em sentido amplo e antropológico, nas crônicas do literato e o diálogo com autores que trabalham nessa perspectiva e com os assuntos eleitos para análise. Detemos em alguns aspectos de sua cultura urbana e rural, como as festas cívicas, de aniversário e casamento, os festejos de Nossa Senhora do Rosário e do Divino, as cavalhadas, o batuque e jogo do bicho, que se constituíam em espaços de sociabilidade.

**Palavras-chave:** Cultura Urbana e Rural. Crônica. Memória. Ricardo Paranhos.

### Introdução

As crônicas de Ricardo Paranhos (1866-1941), publicadas em suas *Obras completas* (1972), abordam assuntos diversos, dentre os quais destacam-se nomes e ações de pessoas ligadas a certas práticas culturais e intelectuais inseridas no contexto de

- 1 Universidade Federal de Goiás- UFG. Regional Catalão, Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, NIESC – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais. E-mail: valdecirezborges@yahoo.com.br
- 2 Professor da Rede Pública Municipal de Catalão. Graduado em História, UFG/UAEHCS. E-mail: cleberjacinto@bol.com.br

uma cultura escrita e de elite. Mas, além de uma leitura e apreciação sobre as expressões do campo letrado catalano, elas tratam também de outros aspectos da cultura regional e local, comumente ditos populares, sobre os quais nos debruçaremos, por considerar tais escritos como lugares de memórias (NORA, 1993) e de história dessa sociedade. Os resultados aqui apresentados advêm da pesquisa “Cidades e cultura no Sudoeste Goiano e Triângulo Mineiro nas crônicas de Ricardo Paranhos (1870 a 1940)”, de Cleber J. Dias (2009), e são fruto do processo de orientação da mesma e de posterior análise, sistematização e aprofundamento dos dados levantados.

Neste artigo, dialogaremos com suas crônicas relacionadas com a cultura urbana e rural de Catalão e região, procurando tratar algumas práticas e bens culturais que constituíam a vida cotidiana dos habitantes da cidade e do campo, e como esses as vivenciavam, recorrendo à leitura e interpretação contidas nas representações do literato, que nos lega suas memórias e visões de mundo. Os assuntos abordados nesses escritos são variados abarcando festas e sociabilidades variadas como os bailes (de aniversários e casamentos), festas públicas como as cívicas e de Nossa Senhora do Rosário, além de outras práticas culturais como o batuque, a cavallhada, a serenata e o jogo do bicho.

## 1 Bens culturais e sociabilidades

Abordaremos, a seguir, algumas facetas da cultura catalana representada por Paranhos, as quais constituíam espaços e momentos de sociabilidade.

### 1.1 Poetas e oradores

Na crônica “Poetas”, Paranhos se mostra um escritor preocupado em revelar a cultura urbana do interior goiano ligada às pessoas “simples” da região e produzida com uma linguagem peculiar. Aqui podemos pensar que o cronista focaria, como em outros escritos, a produção de poetas do universo da cultura escrita e do texto impresso. Mas, não. Sua atenção debruça-se sobre os poetas populares, sem muita cultura escolar ou nenhuma, que versejavam, em grande parte, oralmente. Porém, nem por isso, deixou de considerá-los como “poetas”, e dizê-los “admiráveis”. Segundo ele, ninguém se faz poeta pelo próprio esforço, pois “os poetas nascem”. Assim, se ser poeta era visto como algo que não se aprendia na escola, se nascia, Paranhos nos diz que o estilo “caipira” de dizer as palavras, muitas vezes, “comove e eleva a alma” melhor que certos versos “impecáveis quanto às exigências da arte”, pelo fato de serem escritos com toda a inspiração.

Entre os nossos roceiros, mormente os goianos, analfabetos quase todos, há verdadeiros poetas, alguns até repentistas admiráveis, o que é mui raro

entre os poetas cultos. Criticam, em versos cheios de verve, os fatos notáveis da vida social. Dá-se-lhes, como o tenho feito, um assunto qualquer e eles improvisam, sem esforço algum, com a maior naturalidade, dezenas e dezenas de quadras, sem fugir do assunto (PARANHOS, 1972, p. 342).

Portanto, para Paranhos, a poesia popular, marcada pela “naturalidade e inspiração”, podia ser mais elevada que aquela dos conhecedores e praticantes da poesia culta e daqueles preocupados com as regras de tal forma de arte, pois não castrada pelas normas. Logo, produzia “quanta quadrinha cheia de inspiração e de suavidades”. Para dar ênfase à sua afirmação, descreveu um desses versos da cultura popular pronunciado pelos “cantadores” nos “pagodes de roça”, aos quais sempre ia, mesmo morando na cidade: “**Menina, se tu subesse/Como é grande o meu amor,/Tu caia nos meus braço,/Como o sereno na flor.**” (PARANHOS, 1972, p. 342, grifos do autor).

De acordo com o cronista, esta “quadrinha de lirismo azul”, é de um autor analfabeto, de alguém que “**Nascuntur poeta**”. Ele afirmava que ouvia muitas quadrinhas nas festas de roça, nos indicando as interações entre a cidade e o espaço rural, o campo. Segundo o literato, nunca deixou “de frequentar cateretês, que é dança nossa, genuinamente brasileira” e pela qual tinha “verdadeiro fanatismo”, passando “noites sem dormir, ao relento, exposto ao frio, a ouvir as belas cantigas ao som da viola plangente” e a “também quadrinhas”, que lhe causavam “inveja”, pois tinha “desde rapazola, a mania de escrever versos”. Assim, Paranhos enalteceu tais poetas e suas criações, as quais sobrepujavam, a seu ver, até mesmo as dele (PARANHOS, 1972, p. 342, grifos do autor).

O cronista, nacionalista na escolha das danças, apreciador da viola e das quadrinhas, tão presentes e característicos da cultura popular, também foi um boêmio incontestável, admirador e amante da noite. Desta forma, nos informa sobre aspectos constituintes da vida noturna e das sociabilidades nela ocorridas na cidade de Catalão. Na crônica “Caprichos do Destino”, encontramos uma referência às práticas da sociabilidade dos jovens em suas farras noturnas, composta de andanças e cantigas, as serenatas.

Numa esplendorosa noite de luar, às dez horas, passava silencioso, em serenata, pela frente da casa da moça um grupo de rapazes, do qual eu fazia parte. Abriu-se uma janela e alguém nos disse que a doente pedia [que] tocássemos a valsa **Dorzinha**, de que ela muito gostava, inspirada na composição do maestro Frederico Campos (PARANHOS, 1972, p. 423, grifo do autor).

Outra prática indicada como constituinte da vida boemia do autor encontra-se registrada na crônica “Clube Suan”, na qual Paranhos nos indica como

eram organizados os entretenimentos por um grupo de amigos que criaram esse clube de “extravagante denominação”, com o objetivo de “promover diversões aos sábados, à noite”. Diante das diversões que o ambiente noturno da cidade oferecia, segundo o literato, ele e seus amigos organizavam as festas do clube, que aconteciam cada dia em casa de uma pessoa diferente. O dono da residência era comunicado do desejo “de efetuar a diversão, expondo as condições em que esta deveria ser realizada”. O anfitrião, que havia sido escolhido, era “intimado” a oferecer a casa e uma suã de porco para ser degustada pelo grupo noite adentro até o amanhecer. Paranhos remete ainda ao tipo de danças escolhidas para animar tais reuniões, ao lugar da ceia e seus acompanhamentos e à bebida preferida pela turma, elucidando as características e os acontecimentos que permeavam a festança.

As danças adotadas pelo clube eram o cateretê, o samba, o recortado e o lundu, por serem danças genuinamente brasileiras. À meia noite, devia ser servida a ceia, a qual não podia ter outras iguarias senão arroz e suan. Bebida: pinga crúa. Antes e depois da ceia, pinga queimada, mais conhecida pelo nome de **quentão, porque esquentava mesmo**.

A brincadeira não podia terminar antes do amanhecer (PARANHOS, 1972, p. 349, grifos do autor).

No contexto de tal sociabilidade, era assídua a figura do orador, com discursos, brindes e vivas. Sua presença era marcante no universo cultural do momento, estando em grande parte dos momentos de sociabilidade, diurnas e noturnas, mundanas ou religiosas. Nas reuniões do “Clube da Suan”, Paranhos diz que cabia sempre a ele esta responsabilidade; e, como orador, era obrigado, no decorrer da ceia, a “deitar falação”, dizendo “cousa de fazer rir”, o que considerava difícil, pois para atingir o efeito desejado precisava de “originalidade e fino espírito” (PARANHOS, 1972, p. 349). Entre as aclamações que promovia, relembrou de sua performance em uma realizada na casa de um amigo para um compadre daquele onde se fazia a festa, apontando a prática dos “vivas” e do uso de estratégias bestialógicas, de recorrer à fala, ao raciocínio ou discurso incoerentes, despropositado e bombástico para produzir interação, aproximação e riso dos convivas.

[...] Fomos todos, levando cada qual um copo de cachaça, à sala onde ele se achava, sozinho. Rodeamo-lo e lhe demos muitas vivas, após os quais comecei o **bestialógico**; mas o homem se conservou sentado, de cara à banda, sem nos olhar, sequer.

Terminei por esta forma o formidável **bestia**, descrente de que produzisse o desejado efeito:

– **Cidadão distinguido!**

O homem não se moveu.

– **Coração tranquilo!**

Nada.

– **Alma bisbiborreteça!**

A mesma carranca.

– **Caráter cagnapítico!**

Indiferença completa.

Mas quando exclamei com toda ênfase – **Cavaleiro de indústria!** – o homem levantou-se e abraçou-me comovido:

– **Não mereço, são Ricardo. É bondade sua.**

E associou-se, de corpo e alma, a pulos e gargalhadas, a todas as nossas brincadeiras, até ao romper do dia (PARANHOS, 1972, p. 350, grifos do autor).

Portanto percebemos o efeito alcançado pelo talento de tais oradores, dentre eles o próprio Paranhos. As palavras ditas com astúcia, inspiração e sabedoria, pronunciadas por homens letrados ou não, podiam atingir as pessoas, comover e mobilizar até mesmo a um ovinete arredio, como o tal homem referido como “sissudo”, “esquisitão” e “inimigo de brincadeiras” (PARANHOS, 1972, p. 350). Os oradores, presentes em vários momentos da vida social, nos encontros e reuniões, públicas ou privadas, diurnas e noturnas, mundanas ou religiosas, aproximavam o mundo das letras e o da oralidade, com seus discursos, brindes e vivas.

Cândido (1986, p. 223-6) tratando da criação literária brasileira e da relação estabelecida entre os escritores e o público, afirma que “no primeiro quartel do século XIX, se esboçaram no Brasil condições para definir tanto o público quanto o papel social do escritor.” Nesse contexto, e mesmo posteriormente a tal período, sobretudo nas localidades do interior brasileiro, os vários tipos de discursos orais estiveram presente e possuíam papel importante na constituição da sociedade. Eram parcas as edições de livros e essas “lentamente esgotadas”, cabendo “a revista, o jornal, a tribuna, o recitativo, a cópia volante” conduzir as ideias ao público. Pregadores, conferencistas, glosadores de mote, oradores em comemorações diversas e recitadores, formaram, dispensando o texto impresso, um público de auditores. Assim, as serenatas, os saraus e as variadas reuniões sociais, nas quais estava presente a figura dos oradores, “multiplicaram o curso do verso, escandido ou cantado” e de outras formas de produção, possibilitando que muitas ideias fossem divulgadas, penetrando na sociedade graças ao público receptor de auditores.

Escrevendo àqueles que possuíam socialmente o domínio da linguagem do texto escrito e de sua leitura, Paranhos deixou, em vários registros, referências aos oradores; não permitiu que suas memórias referentes a tal prática fossem destina-

das ao esquecimento, registrando-as em seus escritos do dia a dia. Nas crônicas “Oradores”, afirmou que “ninguém se faz orador”, que, assim como os poetas, “*nascuntur oratores*” (PARANHOS, 1972, p. 343, grifo do autor). Para defender essa afirmativa apontou, por um lado, péssimos oradores que possuíam formação escolar e até superior e, por outro, homens de pouca instrução, mas excelentes oradores. Primeiramente, nos falou de um homem, “velho desembargador”, que fazia parte do mundo das pessoas abastadas, letradas e poderosas, mas que era um “péssimo orador”, incapaz de lidar com as palavras, e que, ainda, tinha a mania de falar em público.

Festejava-se a data de treze de Maio. Uma banda de música percorria as ruas da cidade, à noite, acompanhada de grande massa popular. Fôra antecipadamente combinado entre as pessoas que se achavam à frente da passeata cívica, que esta deveria passar ligeira e silenciosamente pela rua onde morava o desembargador, a fim de evitar que ele falasse; mas ele já se achava à sacada, à espera do momento, de maneira que, quando a multidão fora se aproximando, ouviu um forte bater de palmas e em seguida:

– **Meus sen... senhores: um mo... momento de... de... de atenção. Eu qué... qué... quero dar um... um vi... vi... viva; não, não é vi... viva que... qué... quero dar não; [...] é le... le... levantar um, brin... brinde; não, tam... também não é brin... brinde...** (PARANHOS, 1972, p. 343, grifos do autor).

Conforme Paranhos, a multidão, que acompanhava o festejo cívico “partiu aceleradamente” ao ouvir o orador “formado e culto”, que proferia tal pronunciamento. Ser letrado não assegurava boa oratória, a qual atraía e até empolgava o público como podemos ver noutras ocasiões. Outro fato referido pelo cronista para mostrar que os oradores não se fazem, aconteceu em Catalão com um “rábula” semianalfabeto, ou seja, um advogado que não possuía formação acadêmica em Direito (Bacharel), mas obtinha a autorização do órgão competente, do Poder Judiciário, no período imperial ou da entidade de classe para exercer, em primeira instância, a postulação em juízo. O prático referido possuía dificuldade para ler, porém “entendia perfeitamente” o que lia e o que ouvia. Fazia excelentes defesas no júri, mas marcadas por inúmeros desvios gramaticais caso fosse considerada a norma culta, mostrando que a instrução letrada, muitas vezes, não possibilitava a capacidade oratória.

[...] Falava horas e horas, cometendo os mais graves erros de gramática; mas falava com desembaraço, sem o menor esforço, o que prova que era

orador. Dentre os inúmeros erros cometidos numa defesa que lhe ouvi, ainda me recordo destes:

- **No inquérito policial, srs. jurados, já tinha jurado três testemunhas, quando o acusado foi preso, de maneiras que a prisão não foi feita em sufragante, como diz o promotor.** (PARANHOS, 1972, p. 344, grifos do autor).

Ainda dos tempos de estudante, Paranhos buscou em sua memória, um fato acontecido numa “festa dos Três Ranchos”, atual cidade de Três Ranchos, ao exaltar um fazendeiro por suas qualidades intelectuais, o qual, apesar de “ignorante” (referindo deste modo a seu desconhecimento da cultura letrada), era orador extraordinário. No banquete oferecido ao povo pelo festeiro, possivelmente em festa em louvor a Nossa Senhora da Abadia, o fazendeiro foi convidado a falar em público, o que o fez na maior naturalidade e desenvoltura.

- Tenha a palavra o meu compadre Manoel Antônio.
- Pra falar sobre o que, compadre?
- Sobre a festa de N. S. da Abadia.
- O assunto não me ajuda; mas **bamo vê si** com a proteção da santa, arranjo alguma cousa.

E começou:

- **O home, por mais sábio que seja, nunca deve mostrar sua gravidez.**

Quando já havia falado cerca de três quartos de hora, o vigário, para o estimular, deu-lhe um aparte, o qual ele assim respondeu:

- **Profane bem, sêo vigário, o que está dizendo.**

E nestas condições foi-se estendendo com a maior facilidade, sem esforço algum, voz timbrada e forte, gesticulação natural, muito expressiva [...] chegou a falar uma hora e tanto, sem fatigar o auditório. (PARANHOS, 1972, p. 345, grifos do autor).

Para dar mais ênfase a afirmação de que “**Nascuntur oratores**”, Paranhos, ainda afirmou que se o tal homem tivesse “dois dedos de instrução” seria, talvez, até superior ao próprio poeta Rui Barbosa (PARANHOS, 1972, p. 345, grifos do autor). Assim, fossem em festas públicas ou privadas, cívicas ou religiosas, em domicílios ou espaços públicos, a figura do orador era peça presente, requisitada e indispensável nos momentos de sociabilidade e de interação entre as pessoas. Mas outros espaços e outras circunstâncias foram abordados por Paranhos como ocasiões de socialização. Assim, nos interessa saber como o cronista abordou e descreveu as festas religiosas e profanas que marcavam a vida da população de Catalão? Que festas ele pôs em destaque?

## 1.2 Festas religiosas e profanas: o batuque e a cavallhada

O cronista tratou diversos momentos de sociabilidade, de diversão e encontro entre os habitantes da cidade, e alguns deles, até fora do espaço urbano. Numa crônica Paranhos nos remete a uma festa de casamento em uma localidade próxima de Catalão.

[...] me recordo a casinha da margem do rio São Bartolomeu estava repleta de convidados, em festa animadíssima. Noite. Cantigas e sapateados de cateretê, sons de viola e sanfona e salvas de regozijo quebravam o profundo silêncio naquela mesma solidão [...] O casamento de Maria com um rapaz da vizinhança... (PARANHOS, 1972, p. 407).

A “tão animada festa na casinha”, com suas danças, cantigas, instrumentos e tudo mais, que animavam a comemoração do casamento no sertão, trazia a felicidade e propiciava o conagraçamento entre as pessoas, compondo, então, o quadro pintado por Paranhos acerca das formas de sociabilidades presentes na cidade e nos seus arredores, dimensões e espaços sociais sempre interligadas, como apontam outras crônicas.

Adensando a tela das atividades de lazer e entretenimento presentes no cotidiano da cidade de Catalão, filtrada pela ótica de Paranhos, podemos mencionar uma prática mundana e com tonalidades bem particulares, conforme a descrição do literato. Na crônica “O Batuque”, ele nos fala de um chefe político, um fazendeiro rico, famoso por suas excentricidades, não somente no lugar que residia (que não é citado), como também em grande parte do Triângulo Mineiro. Segundo o cronista, o tal fazendeiro tinha “verdadeiro fanatismo pelo batuque”, som e dança da cultura popular, “muito em uso nos tempos antigos”.

Ia, de quando em quando, à cidade, especialmente para organizar a dança, o que conseguia facilmente; e uma vez começada, chegava durar, às vezes quatro, cinco dias e noites, a fio, sustentada a churrasco e à pinga queimada. Para que não houvesse interrupção motivada pela fadiga e o sono, os dançadores iam se revezando (PARANHOS, 1972, p. 339).

O autor observa o festim dionisíaco organizado pelo chefe político com olhar de estranhamento e desconfiança, por seu aspecto inusitado, que abolia provisoriamente as normas do viver cotidiano numa espécie de liberação do regime vigente, das regras e tabus sociais dominantes (BAKHTIN, 1987, p. 6-9).

Na dança tomavam parte homens e mulheres, completamente nus. O chefe, homem muito alto e magro, pernas compridas, finas e nodosas como pernas de aranhas, dançava nu também, só de botas e colete, para se diferenciar dos demais. Imaginem que figura! (PARANHOS, 1972, p. 339-40).

Por ser uma festividade organizada por um homem rico e político influente em Goiás, percebemos outros elementos que permeavam esse momento de sociabilidade, dentre eles a prática do mandonismo dos políticos no período, descrita por Paranhos em linguagem humorística:

Uma vez, mandara ele um camarada, tarde da noite, chamar um rapaz casado de novo, em plena lua de mel, para tocar rabeca lá no batuque. Disse a mulher, que o marido não podia passar sem dormir, pois estava doente, mas o camarada não aceitou a desculpa, pelo que se viu forçado o moço a por a rabequinha debaixo do braço e ir apresentar-se ao chefe. Este lhe ordenou [que] se pusesse nu, como se acham todos. Por mais rogasse o moço ser dispensado desse sacrifício, viu-se obrigado a desvestir-se, o que fez contrariadíssimo. Era péssimo o rapaz; tão magro, que se tornava quase transparente como garrafa, motivo pelo qual mais se opunha a expor sua nudez. Imaginem aquela carcaça nua a sofregar nervosamente – **chi-que-chic-que-chi-que-chi-que** – o arco na rabeca! Dava a ideia de um macaco tísico transformado em músico! (PARANHOS, 1972, p. 340, grifos do autor).

Ao dar continuidade à sua descrição, Paranhos aponta outras características dessa prática lúdica da boemia local, como a bebida, os vivas, os instrumentos usados, o gingado e os sons dos corpos.

Tigelinhas de **quentão** passavam, a miúde, de mão em mão, e eram esvaziadas aos vivas e hurras.

E o batuque prosseguia, dias e noites, cada vez mais animado e retumbante, ao som do caxambu, do reco-reco e do maracá e ao estalar contínuo das umbigadas estrepitosas como palmadas (PARANHOS, 1972, p. 340, grifo do autor).

Por fim o cronista destacou a particularidade do festejo local em relação ao de outros espaços por inverter o estabelecido socialmente e contrastar com o vivido no cotidiano. Segundo o literato, ele já havia visto um batuque e gostara “deveras” daquela “dança africana”, que era “muito animada e convidativa”, mas diferente dessa que descreveu, composta de pessoas nuas, que dava uma ca-

racterística própria àquela incrementada pelo chefe político local (PARANHOS, 1972, p. 340). Talvez a excentricidade do referido chefe político pudesse ainda ser indicada por seu gosto pelo batuque, o qual era visto, em geral, pelas elites, com maus olhos, pois considerado coisa de negro e de gente incivilizada.

Segundo Moraes (1994, p. 69), nas grandes cidades brasileiras o batuque dos negros, juntamente com vários elementos da cultura popular rural, tornava-se referência do que era tradicional e arcaico, sendo, logo, aspectos a serem extirpados da nova sociedade. A elite e os setores médios, que desfrutavam a ampliação das estruturas materiais, educacionais e culturais, lutavam para erguer uma face moderna das cidades, procurando determinar novas maneiras de viver nos centros urbanos. Tais manifestações das culturas urbanas em formação fizeram com que a cultura ligada ao universo rural sofresse profundas transformações e deslocamentos.

Ainda no universo dos tempos antigos e de suas práticas e usos sociais, na crônica “Cavalcadas”, Paranhos nos remete ao campo da cultura religiosa da cidade de Catalão de outrora, numa descrição etnográfica do cotidiano dos três últimos dias da “Festa do Divino”, a qual era celebrada, “antigamente”, em algumas cidades de Goiás. A cavalcada, originada dos torneios medievais, tinha, entre outras reminiscências, o uso de fitas como prêmio, que eram oferecidas pelo ganhador a uma mulher ou outra pessoa que desejasse homenagear. Em Portugal tivera feição cívico-religiosa e envolvia temas do período da Reconquista. Sua difusão no Brasil, registrada desde o século XVII, partira do Nordeste; de lá se espalhou pelo resto do país. Em 1641, quando da aclamação de D. João IV, foram promovidas várias cavalcadas como parte dos festejos oficiais. É ainda um folgado presente em vários pontos do Brasil, como Alagoas, Minas Gerais e Goiás, como em Pirenópolis, onde é realizada durante a festa do Divino e representa o auto de cristãos e mouros.

De acordo com Paranhos, eram “poucos os lugares” em Goiás, que as comemoravam, dentre eles, a cidade de Catalão. O autor descreveu na crônica todos os detalhes das cavalcadas, mostrando sua admiração por elas, deixando-a registrada para as gerações futuras (PARANHOS, 1972, p. 403). O cronista, em sua narrativa, representou o cenário no qual se dava essa prática cultural e indicou o cerne do enredo em torno do qual ela se estruturava.

O campo das cavalcadas deveria ser plano e limpo e ter 400 metros quadrados, mais ou menos. Era circulado de palanques improvisados para as famílias, feitos de madeira verde e roliça, com a cobertura, o fundo e os lados da baeta escarlata. No centro do campo havia um pequenino castelo improvisado, também vestido de baeta, onde se achava encerrada uma princesa, prisioneira dos mouros, que os cavaleiros cristãos pelejavam para libertar (PARANHOS, 1972, p. 403).

Paranhos trata ainda dos outros personagens da encenação, além da princesa, dos animais, suas habilidades e adereços:

Nelas tomavam parte 24 cavaleiros e não havia lugar que pudesse, devido às exigências do jogo, concorrer nem com a quarta parte desse número. Era preciso viessem cavaleiros de diversos pontos, para que se completasse o número necessário; e vinham às expensas da festa [...]

As cavalladas compunham-se de 12 cristãos uniformizados de azul e 12 mouros, de vermelho, uns e outros armados e vestidos à imitação da antiga cavalaria.

Cavalos escolhidos, bem nutridos, ensinados, destinados só para aquele fim. Todos eles lindamente ajaezados, crinas e caldas enfeitadas de fitas e cores vivas e variadas (PARANHOS, 1972, p. 403).

As ações dos dois grupos de cavaleiros, os quais realizavam a luta no espaço da festa, também foram descritas por Paranhos em detalhes:

Os 12 cavaleiros cristãos colocavam-se enfileirados num lado do campo e no lado oposto os 12 mouros.

Antes de começar a luta, havia a embaixada. Era embaixador o fazendeiro Manoel Antônio do Nascimento Pereira, excelente cavaleiro, firme e elegante. Dava a embaixada todo empertigado, cheio de entusiasmo. E à medida que falava, o que fazia com voz estentóricas, em tom declamatório e mui pausadamente, o grande ginete ruço, todo anilado, que ele cavalgava, avançava, recuava, virava de um lado para outro, dançava, empinava, dava-de-bunda, fazia cousas admiráveis.

Aplausos gerais.

Eu sabia de cor toda a embaixada; mas hoje só me lembro do começo dela: – A filha do meu rei que te *soda*, já nos domínios teus pisa as fronteiras (PARANHOS, 1972, p. 403-4, grifo do autor).

Mas, se tal descrição abarca o momento da embaixada, no instante seguinte ocorria a luta entre os cavaleiros, conforme o cronista:

Terminada a embaixada, começava a luta dos 24 cavaleiros, os quais se cruzavam em carreiras desabaladas, imitando \_ cargas de cavalaria. Se não fossem todos eles verdadeiros peões, muitos cairiam aos duros choques recebidos, caíssem, seriam esmagados infalivelmente a patas de cavalos. (PARANHOS, 1972, p. 404).

Finalizando, o cronista aborda os aspectos constituintes do encerramento da festa e dos ritos que a compunha:

A luta terminava no terceiro dia com a tomada pelos cristãos do castelo em que se achava a princesa prisioneira.

Havia em torno do campo diversos postes de um metro de altura, com cabeças de papelão, nas quais os cristãos, em disparadas, desfechavam tiros de garrucha, espatifando-as. Chamavam-se cabeças de turcos.

No último dia, terminada a luta, havia a tirada da argolinha, pequenina da circunferência de um anel, suspensa por um fio entre dois postes altos. O cavaleiro passava em disparada e procurava tirá-la com a ponta da lança, o que era difícilimo. Aquele que a tirava, a oferecia a uma das principais pessoas do lugar, recebendo desta uma dádiva qualquer. (PARANHOS, 1972, p. 404).

Desta forma, podemos vislumbrar algumas atividades que permeavam a festa do Divino na cidade de Catalão antiga e como eram vivenciadas por seus participantes, que ofereciam ao público a encenação do embate entre mouros e cristãos. Mas outra festividade religiosa foi também assunto do cronista, ainda que, naquilo referente à questão da religião em si tenha ficado de fora. Paranhos remete-nos, possivelmente à festa de Nossa Senhora do Rosário, ao falar de um fazendeiro avaro que alugava espaços em um pasto que possuía junto ao povoado por época da festa de agosto, que possuía importante romaria.

Por ocasião da festa, que é uma das mais importantes romarias, ele ficava de plantão à porteira do pasto, exposto ao sol ardente de agosto, durante dias consecutivos, a fim de fazer a contagem dos animais que entravam e dos que saíam. Os respectivos alugueis, exorbitantes, equivalentes, quase, a diárias de hotéis, mas a que os romeiros tinham que se sujeitar, porque não havia outro recurso, eram pagos ali mesmo, sem abatimento de um real. E se algum dos devedores faltasse, porventura, cem réis para pagamento da importância devida, um dos animais a ele pertencente, cavalo, burro ou boi de carro, ficaria ali detido, como garantia até que fosse pago o tostão. O que ocorria relativamente à festa, o fazendeiro ignorava por completo (PARANHOS, 1972, p. 420).

Embora Paranhos não indique o nome do santo ao redor do qual se produzia a romaria, podemos supor que fosse N. S. do Rosário, pois, segundo Katrib (2007, p. 83), a festa em louvor a esta santidade, que ocorre ainda hoje em dia, mesmo tendo um período para ser realizada no mês de outubro, possui festejos

paralelos por toda a cidade, principalmente na primeira tarde de domingo do mês de agosto, data em que a maioria dos ternos inicia os preparativos para o festejo. Desta forma, acreditamos que Paranhos se referia a esta festa e suas romarias, inclusive pela ausência de outra festividade religiosa no calendário da cidade que mobilizasse, e ainda o faça, a população local e regional como aquela que o cronista remete. Mas, além dessas festas, que mesclavam o mundano e sagrado, que outras práticas o cronista abordou?

### 1.3 O jogo do bicho

Abordando outras práticas culturais catalanas, na crônica “Jogo do Bicho”, Paranhos nos mostra o cotidiano das pessoas com ele envoltas, mas inserindo-a num contexto mais amplo, nacional. Partindo de sonho que tivera, que contou a uma senhora conhecedora desse jogo, e que o interpretou, como fazia com outros interlocutores, indicando o animal e o número a jogar (o cachorro no. 5, o jacaré, o macaco no. 17...), Paranhos nos indica seu âmbito de abrangência, do geral ao local, e grau de presença e importância na vida dos cidadãos:

Não há lugar, creio, em que o jogo do bicho, que já se tornara, como se tem dito, uma instituição nacional, seja tão animado como nesta terra. É o assunto forçado das conversações. Não se pensa e fala noutra coisa. O que se passa de bom ou de mau pelo mundo, a começar da nossa pátria, é por completo indiferente a este bom povo, cuja preocupação única – que felicidade! – é a **rodinha dos 25 números**, a qual funciona às tardes, infalivelmente, acelerando o palpitar dos corações (PARANHOS, 1972, p. 405, grifos do autor).

O cronista descreve como cotidianamente a prática ocorria e que lugar nela ocupava a figura de D. Eufrásia.

Enche-se de homens e mulheres, todas as manhãs, a casa de d. Eufrásia, a velha pitonisa. Vão contar-lhe os sonhos que tiveram à noite, a fim de que ela os interprete para o jogo. Há sonhos para todos os bichos, de maneira que todos eles são comprados diariamente.

– Já soube, d. Eufrásia, o bicho que deu?

– Deu o do meu palpite, exatamente.

É com essa mentira, repetida todos os dias, que ela vai mantendo a fama de que goza, de admirável interpretadora de sonhos, por mais complicados que sejam. (PARANHOS, 1972, p. 405).

Esse jogo, tão popular, que gozava de prestígio entre a população de nossas cidades, além de assunto nas rodas de conversas e de produzir forte emoção, acelerando “o palpitar dos corações”, logo paixão do povo, conquistava novos jogadores. Paranhos confessou que fora contagiado por essa prática. Ele, ainda que se declarasse como não jogador (“Eu não jogo”), conta que certa noite tivera um sonho apropriado para a borboleta e que resolveu jogar 10\$ no 4. Mas, embora confiasse no jogo que realizou com o cambista, fora entender-se com d. Eufrásia, que lhe deu seu “palpite”, aconselhando-o a jogar mais 10\$, para ganhar 400\$00. O fez e “fechou o número”, pois “tão certo estava de que ganharia”. Ficara “profundamente convencido” do resultado e foi esperar na janela, “ansioso pela notícia do jogo”, o cambista, que lhe trouxe grande decepção; dera a vaca, e seu vizinho foi quem ganhara. Portanto, considerou ser uma “mentira” a indicação daquela senhora, que gozava “a fama” de “admirável interpretadora de sonhos”, e que afirmava sempre dar “exatamente” o seu “palpite” (PARANHOS, 1972, p. 405).

Portanto, o jogo, que foi criado, em 1892, pelo barão de Drummond, fundador do Jardim Zoológico, no Rio de Janeiro, com a intenção de aumentar a frequência de pessoas ao lugar, com prêmio em dinheiro, sorteado a cada dia entre placas em que figuravam 25 animais (BENATTE, 2008, p. 66-70), já fazia parte da vida catalana. Mas, se o Barão criou o jogo para chamar a “concorrência a seu zoológico”, a prática se espalhou rápido pela cidade e pelo país, mesmo sendo vista pelas autoridades como “mal prejudicial” aos cidadãos e sua honra, tachada de “vício” e tornada “atividade ilícita”. Se Paranhos observa a indiferença do povo para com as questões pátrias e mundiais, Machado de Assis, já apontava o quanto esse jogo tornara paixão popular nacional, e, ironicamente, sugeriu chamar a atenção de todos aos interesses nacionais, cooptando o “bicho” com as práticas políticas. (BORGES, 2000, p. 55-6).

## 2 Metodologia

A investigação insere no âmbito da História Cultural das práticas e dos usos sociais, e tem como método rastrear temas do campo da cultura catalana nas crônicas do literato, acrescido pelo diálogo com autores desse viés historiográfico e que tratam questões que delas emergem. Nesse sentido, o diálogo entre as fontes documentais, os autores e textos que formam o suporte teórico e conceitual que nos dão sustentação, atrelado à nossa visão de sociedade, de história e do conhecimento, constitui o procedimento empregado, no qual contextualizar e historicizar os dados coletados é imprescindível a fim de perceber os significados coletivos neles depositados.

### 3 Discussão e resultados

Estudar as crônicas de Paranhos, inseridas no campo da cultura, pensadas como prática intelectual, e que abordam aspectos do cotidiano da sociedade catalana e da região, nos possibilitou perceber as interseções existentes entre as culturas ditas “letradas” e “populares”, pois, como nos aponta Chartier (1990, p. 134), é praticamente impossível rotular objetos ou práticas culturais de forma rígida e bipolar, exigindo do pesquisador “reconhecer as circulações fluidas, as práticas partilhadas que atravessam os horizontes sociais”. Nesse sentido, partimos dos pressupostos teóricos de Ginzburg (1987, p. 16-7), para quem o termo cultura, forjado numa concepção aristocrática e iluminista, foi usado para designar as ideias e crenças dos setores superiores da sociedade, que depois eram difundidas entre os segmentos subalternos, e agora extrapola a esfera das expressões artísticas, filosóficas e manifestações da dita alta cultura, definindo também um conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamentos próprios do povo e empregado sem tal hierarquização. Assim, reconhece-se que as camadas sociais inferiores também possuem cultura. Se existe dicotomia cultural, há também circularidade cultural, um influxo recíproco entre a cultura dos subalternos e a hegemônica. Influências recíprocas que movem de baixo para cima e de cima para baixo. A cultura popular se opõe à cultura letrada, mas também mantém relações com ela, sendo filtrada pelos segmentos subalternos conforme seus valores e condições de vida, como a letrada, igualmente filtra aspectos da popular, havendo conflitos, mas outras relações entre elas. Destarte é que conduzimos análises particularizadas na busca de afastar de tais generalizações (GINZBURG, 1987, p. 21, 33) e consideramos aqui um conceito de cultura aberto e amplo, que abarca, indistintamente, as mais variadas manifestações das experiências humanas, na busca fugir de tais concepções autoritárias e reducionistas, afinando com os estudos antropológicos, com os quais a História Cultural estabelece rico diálogo.

### 4 Considerações finais

As crônicas de Paranhos, como produtos e bens culturais catalanos e regionais, são fontes para uma história da vida cotidiana da cidade e do campo, e da região, elucidando aspectos do vivido por meio de suas representações e constituem em ancoradouros da memória coletiva, ao abarcar momentos diversos de sociabilidades de seus habitantes e de outras práticas do dia a dia dos mesmos como os bailes, as festas públicas e romarias como de Nossa Senhora do Rosário e do Divino, sons e danças como o batuque, a cavallhada, a serenata e o jogo do bicho. No entanto, outros aspectos culturais podem delas ser pinchados, como acerca dos jogos esportivos internacionais, nacionais e locais de futebol e as superstições, que serão abordados em outra ocasião.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: EdUnb, 1987.
- BENATTE, Antônio Paulo. É bicho na cabeça. **Revista História Viva**, n. 54, p.66- 70, abr. 2008.
- BORGES, Valdeci Rezende. **Cenas urbanas: imagens do Rio de Janeiro em Machado de Assis**. Uberlândia: Aspectus, 2000.
- CANDIDO, Antonio. O Escritor e o Público. In: COUTINHO, A. (Org.) **A Literatura no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986. p. 223-6.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- DIAS, Cleber J. **Cidades e cultura no Sudoeste goiano e Triângulo Mineiro nas crônicas de Ricardo Paranhos (1870 e 1940)**. 74 f. TCC (Graduação) – Curso de História, UFG/Regional Catalão, Catalão, 2009.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- KATRIB, Cairo M. Ibrahim. Espaços desvelados: a dinamicidade dos festejos do Rosário em Catalão-GO. **Espaço e cultura**, UERJ, RJ, n. 21, p. 78-86, jan. 2007.
- MORAES, José G. V. **Cidade e cultura urbana: Primeira República**. São Paulo: Atual, 1994.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PARANHOS, Ricardo. **Obras completas**. Goiânia: Cerne, 1972.